

Crise e saúde: implicações para a política, a gestão e o cuidado em saúde

No contexto contemporâneo, as crises política, social, econômica e de valores se alastraram nos países desenvolvidos e repercutiram tardiamente naqueles de economias emergentes, evidenciando conflitos diversos. Passou-se a observar, então, uma crise na constituição da democracia, e riscos à garantia e/ou instauração de direitos sociais e humanos, redutores das desigualdades. Por conseguinte, crescem antagonismos entre as classes sociais em sua relação com usufruto de privilégios e aquisição de nova cidadania¹.

Experimentadas como irrupção inesperada, perdas de sentido, descontinuidades de narrativas e mesmo da sensação de existência, as crises, em suas diferentes dimensões, provocam sofrimentos, paralisias, mas também evocam o pensamento inovador e o compartilhamento de reflexões². Valorizando tais evocações, o objetivo deste número temático foi estimular discussões sobre as diversas dimensões da crise e sua relação com a saúde, em perspectiva abrangente, abordando seus condicionantes, expressões e desfechos. Tratou-se de uma tarefa desafiadora, dada a concomitância entre a experimentação da crise e a necessidade de estudá-la com algum distanciamento crítico.

Sem fugir desse desafio, este número temático é aberto por dois trabalhos: uma entrevista desenvolvendo diagnóstico da atual crise brasileira e suas implicações nos campos da ciência, da cultura e da educação. E uma revisão sistemática de literatura, apresentando possíveis efeitos, na saúde, das medidas oriundas das políticas de austeridade adotadas como resposta a crises econômicas e fiscais.

Os demais artigos originam-se de investigações científicas e reflexões desenvolvidas em instituições de ensino e pesquisa, algumas delas em parceria com serviços de saúde. Localizados no âmbito nacional, sub-regional, local e internacional, apresentam diversas abordagens metodológicas, caracterizando-se como pesquisa empírica, documental, resenha, artigo de opinião ou ensaio, cada qual orientado por pelo menos um dos seguintes eixos: repercussões sociais e epidemiológicas associadas à crise; efeitos da crise sobre financiamento e gasto em saúde; repercussões da crise na formulação e implementação de políticas sociais e de saúde; implicações da crise na regulação e gestão dos sistemas, serviços e trabalho em saúde; implicações da crise nos modelos de atenção, serviços de saúde e cuidado; direitos, participação e controle social na saúde em contextos de crise.

Desejamos boa leitura!

Lilian Miranda (<http://orcid.org/0000-0002-8238-8111>)¹

Antônio Ivo de Carvalho (<https://orcid.org/0000-0002-3041-3493>)¹

Claudia Brito (<https://orcid.org/0000-0002-7982-6918>)¹

Maria Helena Magalhães de Mendonça (<http://orcid.org/0000-0002-3917-9103>)²

Maurício Teixeira Leite de Vasconcellos (<http://orcid.org/0000-0003-1658-2589>)³

Sheyla Maria Lemos Lima (<http://orcid.org/0000-0003-1450-0498>)¹

Editores convidados

¹ Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

² Centro de Estudos Estratégicos, Fiocruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

³ Escola Nacional de Ciências Estatística, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro RJ Brasil.

Referências

1. Santos BS. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Editora Boitempo; 2016.
2. Kaës R. *Crisis, ruptura y superación: análisis transicional en psicoanálisis individual y grupal*. 5ª ed. Buenos Aires: Publicación; 1982.